

Revista de Ciências da Educação

Revista de
Ciências da
Educação

Ano XVI no 31 jul./dez. 2014

Linha Editorial: Educação Salesiana,
Educação Sociocomunitária e Educação Não Formal



Educação sexual- desafios e realidades: um projeto de intervenção comunitária na escola

*Maria da Conceição Pinto Antunes **
*Emília Gomes Alves***

Introdução

A integração da educação sexual nos conteúdos curriculares escolares tem-se revelado uma questão problemática mas, indubitavelmente, importante. Em Portugal, apesar de legislada desde 1984 pela Lei n.º 3/84, de 24 de março, só 25 anos depois foi considerada objeto de reflexão séria e integrada nos planos curriculares, através da Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto e Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de abril que “Estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar” tornando-a obrigatória em contexto de sala de aula.

A sexualidade foi, durante longos anos, um tema tabu e, até ao século XIX, reduzida à prática sexual propriamente dita. A sua conotação negativa foi muito influenciada pela Igreja que incutiu “a ideia do sexo, enquanto fonte de pecado, justificada apenas tendo como finalidade a procriação” (NODIN, 2000, p. 607).

Neste horizonte de compreensão a educação sexual é encarada unicamente como a realização de atividades com caráter informativo, versando temas relacionados com a saúde reprodutiva: anatomia, fisiologia da reprodução humana e contraceção. A abrangência do conceito sexualidade é, ainda hoje, pouco conhecida, daí as manifestações da sexualidade aparecerem como algo inaceitável, feio e pecaminoso, sendo disto exemplo o embaraço que os agentes de educação revelam perante expressões e terminologias relacionadas com a sexualidade, por parte das crianças e jovens. Os atuais receios na implementação da educação sexual, em contexto escolar, radicam nestas perspetivas redutoras da sexualidade ao sexo e ao sistema reprodutor que concebem a sexualidade um assunto do foro íntimo, interiorizado por cada um muito pelo contributo da educação recebida: pares, escola à época e meios de comunicação social.

Não obstante, vive-se contemporaneamente uma sociedade extremamente sensual, em que a sexualidade vem ocupando um domínio cada vez maior na esfera da

* Professora Auxiliar do Instituto de Educação, Universidade do Minho, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, Braga, Portugal. E-mail: mantunes@ie.uminho.pt.

** Instituto de Educação, Universidade do Minho, Campus de Gualtar. E-mail: emiliagomesalves@gmail.com

intimidade e da afetividade. O reportório sexual alargou-se, as normas e trajetórias da vida sexual diversificaram-se. As crianças e adolescentes crescem envolvidos e bombardeados por mensagens de conteúdo sexual. Segundo Vilar (2003), os pares representam a principal fonte de informação, em segundo lugar, aparecem os meios de comunicação como os grandes modeladores sociais, a principal via de (in)formação nesta matéria e, segundo Suplicy (1995), a televisão parece ser o que mais influência tem nos jovens.

Em viragem de paradigma, a Organização Mundial de Saúde apresenta a sexualidade como energia sempre presente na vida do indivíduo, uma forma de expressão dos afetos, de conhecimento e descobrimento de si e dos outros (FRADE, et. al, 2001, p.16). Faz naturalmente parte do ser humano desde que nasce e ao longo da sua vida, constituindo um processo contínuo de desenvolvimento que inclui a comunicação, o afeto, a descoberta e o prazer, aspetos que nos remetem às várias dimensões: biológica (sabendo como é constituído o nosso corpo, as diferenças físicas, as mudanças desde o nascimento até à idade adulta), psicológica (entendendo as emoções, capacidade de expressão dos sentimentos, emoções e sensações) e sociológica (desenvolvimento e relacionamento interpessoal, relação escola-comunidade-família). Entende-se que a educação sexual deve, assim, ser abordada de forma global, atendendo a estas dimensões, uma vez que o ser humano é produto da relação dialógica entre elas.

Daí se releva o facto de ter-se tornado consensual a ideia de que a Educação Sexual deve ser integrada no conceito abrangente de Educação para a Saúde. Neste sentido, a um conceito de Educação Sexual entendido numa perspetiva meramente bio-fisiológica e, por este motivo, muito centrado na prevenção das IST (infecções sexualmente transmissíveis), são, agora, acrescentadas outras dimensões psicoafetivas, emocionais, culturais e éticas.

Uma intervenção educativa que atenda a esta visão holística do ser humano pressupõe desenvolver conhecimentos científicos, atitudes democráticas de aceitação e de abertura e de responsabilidade e ética pelos valores. A abordagem a valores na sexualidade (SAMPAIO, 1987) nomeadamente o respeito por si e pelos outros, solidariedade e igualdade de direitos, são fundamentais para um trabalho global neste âmbito.

A sexualidade e afetividade constituem-se como elementos essenciais na formação da identidade integral, da autoestima, e do bem-estar físico e emocional dos indivíduos. O atual desafio que os educadores (família e escola) têm nesta matéria é

compreenderem esta relação integral que a sexualidade assume e reclama para uma educação sexual formal completa. Vista desta forma, a sexualidade entrecruza-se com outras questões como a alimentação, os comportamentos aditivos, a higiene, o corpo, as mudanças, a identidade, a personalidade, as relações (pares e namoro), a família, a violência/abuso, a autoestima e autoconceito, a gravidez e a contraceção, o aborto e as IST's, sendo que o seu tratamento deverá atender às suas múltiplas dimensões.

Entendemos que promover educação sexual é promover (in)formação a crianças e jovens, futuros adultos, pais e cidadãos, no entanto os professores reclamam formação contínua, no sentido de se sentirem mais preparados para esta tarefa e foi tendo em conta esta necessidade que concebemos o projeto tema desse artigo.

Desenvolvimento da investigação

Este projeto de investigação/intervenção foi desenvolvido no âmbito do Ciclo de Estudos do Mestrado em Educação, área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, da Universidade do Minho. O projeto resultou da intervenção com 271 professores, e teve como finalidade a sensibilização/formação no âmbito da educação/promoção da saúde, concretamente, da educação para os afetos e educação sexual e desenvolveu-se através da realização de 4 cursos de 25h, creditados, para professores do 1º, 2º e 3º ciclos e educadores de infância, 3 oficinas de formação e uma ação para professores do ensino secundário. No âmbito de um trabalho de investigação-ação, as atividades foram desenvolvidas recorrendo a métodos e técnicas ativas que fomentaram a participação.

Ao desenvolvimento de um projeto de intervenção é incontornável a definição clara da sua finalidade dado que essas “indicam a razão de ser de um projeto e a contribuição que ela pode trazer aos problemas e às situações que se torna necessário transformar” (GUERRA, 2002, p. 163). Neste sentido, delineámos como finalidade do presente projeto a sensibilização/formação no âmbito da educação/promoção da saúde, concretamente, da educação para os afetos e educação sexual. Para atingir a finalidade torna-se necessária a formulação dos objetivos gerais, que enunciam as “grandes orientações para as ações e são coerentes com as finalidades do projeto, descrevendo as grandes linhas de trabalho a seguir...” (GUERRA, 2002, p.163-164). No caso vertente, traçámos como grande orientação para a ação, ou seja, como objetivo geral: formar professores no âmbito da educação para os afetos e educação sexual para melhor

intervirem em meio escolar. No sentido de alcançar este alvo delineámos trajetos a percorrer, metas, princípios de orientação para os esforços e ações a desenvolver (GUERRA, 2002; RANDOLPH; POSNER,1992), ou seja, os objetivos específicos: a. conhecer os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar; b. promover a reflexão no sentido de melhorar a compreensão e a (in)formação relativamente à educação sexual e c. conceber, dinamizar e avaliar ações(in)formativas no âmbito da educação sexual.

Pretendemos com esta intervenção, a realização de um trabalho em rede, daí que os participantes deste projeto sejam professores/educadores de dois Centros de Formação de vários Agrupamentos de Escola. Um grupo de 105 professores/educadores oriundo de um Centro, outro grupo de 166 professores/educadores de outro, sendo o grupo final constituído por 271 professores/educadores.

Métodos e Instrumentos

A metodologia é central no sucesso de qualquer projeto, facto que sustenta a necessidade de uma criteriosa seleção de forma a garantir a adequação à intervenção que se pretende operar. O trabalho de intervenção educativa que pretendíamos operar reclamava a implicação dos atores, levando-os a tomar consciência dos problemas e a participar na sua resolução. Como referem Erasmie e Lima (1989), a ativação das pessoas em torno de objetivos comuns com vista ao seu desenvolvimento é condição fundamental para a mudança. Pretendíamos que a intervenção fosse sustentada pelo conhecimento do contexto a intervir, permitindo a compreensão das necessidades no sentido de a transformar ou melhorar. Este processo dialético só seria possível pela participação ativa, consertada e implicada dos atores desse contexto, entendida não apenas no sentido de incluir nas dinâmicas todos os atores mas, sobretudo, de criar condições para fortalecer e desenvolver competências de cidadania democrática e participada, promotoras de autonomia e de emancipação no âmbito da educação para os afetos e educação sexual.

Nesta sentido, o paradigma de investigação que orientou o nosso trabalho e de que procuramos aproximar-nos foi a investigação-ação, por entendermos ser a que melhor atendia ao campo de intervenção e à finalidade do projeto. Corroborando Ander-Egg (1990), a investigação ação participativa é uma efetiva e viável metodologia de projeto, que tem como princípios a investigação como um procedimento sistemático de

estudo da realidade para nela se intervir pela ação, através da participação dos agentes sociais.

Enquanto uma metodologia entendida como processo de investigação de problemas sociais, conscientizadora dos seus públicos e promotora de desenvolvimento de ações para respostas/soluções conjuntas, através da participação ativa da comunidade em todas as fases do processo, favoreceu o pretendido desenvolvimento de competências transversais passíveis de serem transferíveis para as situações quotidianas, permitindo a construção de conhecimentos sobre a área da educação para os afetos e educação sexual, bem como repensar os contributos pedagógicos dos implicados na educação das crianças e jovens. O projeto de intervenção pretendeu proporcionar tempos e espaços de reflexão sobre a ação, no sentido de melhorar as práticas desenvolvendo competências promotoras de autonomia para a implementação da educação para os afetos e educação sexual no contexto escolar.

Para desenvolver o presente projeto de investigação/intervenção recorreremos a variadas técnicas de investigação e de formação, enquanto instrumentos que favorecem os procedimentos relativos à concretização dos objetivos a alcançar.

Quanto às técnicas de investigação foram utilizadas:

- * Diário de Bordo - serviu para registar/analisar algumas dinâmicas e possibilitou a regulação das ações e registo das ocorrências.
- * Pesquisa Bibliográfica e Análise Documental – permitiu a apropriação de um quadro concetual teórico da temática de intervenção, informação sobre a instituição, o meio, e o público-alvo. Para uma bem sucedida intervenção confluuiu também a reunião e a seleção criteriosa da documentação bibliográfica que permitiu conhecer as investigações já realizadas, seus resultados, o estado da arte da temática e dimensões relevantes a ter em conta para futuras investigações (CHIZZOTTI, 1991).
- * Reuniões - mereceram grande destaque em todo o processo de intervenção, umas de carácter mais formal, mas grande parte de índole informal. Foram realizadas com direções de escolas e de centros de formação contínua de professores (CFAE), com a acompanhante do projeto, com responsáveis de organismos ligados à escola e professores. Esta técnica revestiu-se de grande utilidade no momento de diagnóstico, permitindo-nos apropriar das dinâmicas institucionais, auscultar, desocultar necessidades, interesses e potencialidades a desenvolver na área de intervenção, atividades anteriormente desenvolvidas, recursos humanos existentes e perfis do público-alvo. Foi também decisiva ao longo do processo de intervenção porque foi

sustentadora da programação das várias ações levadas a efeito na escola acolhedora e sobretudo fora desta. Posteriormente, numa fase de avaliação de acompanhamento do projeto, esta técnica teve particular utilidade, porque com base numa relação empática com os intervenientes do projeto e acompanhante do estágio, acedeu-se a evidências acerca dos impactos conseguidos do processo de intervenção.

* Inquérito por Questionário – semiestruturado – técnica utilizada em diferentes momentos e com intenções distintas. No momento de diagnóstico para interpretar a realidade e despistar interesses e necessidades e, posteriormente, como técnica de avaliação das atividades desenvolvidas.

* Observação Participante, sendo uma técnica de recolha de dados que implica a presença do observador, estabelecendo uma relação com o público-alvo possibilitou, como nos refere CHIZZOTTI (1991, p.90) “recolher as ações dos atores no seu contexto natural, a partir da sua perspectiva e seus pontos de vista” constituindo-se uma técnica de recolha de dados muito direta e relevante.

O projeto teve necessariamente em conta a participação ativa, dinâmica e estimuladora dos participantes procurando desenvolver uma maior autonomia e responsabilização pelo uso de estratégias participativas, ajustadas e adequadas. Na verdade, o modo como a Educação Sexual é dinamizada pode estabelecer toda a diferença. Barragán e Domínguez (1996) e Harrison (2000), apontam as metodologias participativas como as que melhor possibilitam o desenvolvimento de saberes e competências tão complexas, uma vez que são essas que promovem o aluno como principal agente da sua própria aprendizagem.

Assim, no que respeita às técnicas de educação/formação utilizadas para a implementação das atividades programadas mobilizámos algumas técnicas pedagógicas da formação que implicam a participação ativa como: *brainstorming*; *role play*; jogos pedagógicos; trabalho de pesquisa; resolução de problemas; utilização de questionários; caixa de perguntas e fichas de trabalho.

No âmbito das técnicas de educação/formação e apoiando-nos na conceitualização de Ander-Egg (2002), recorreremos, ainda, a:

* Técnicas de Grupo - dentro destas, usamos as técnicas de iniciação, enquanto instrumento de iniciação do trabalho em grupo permitindo construir e trabalhar a integração dos elementos, usamos as *técnicas de coesão*, que permitem quebrar as barreiras naturais aos processos de comunicação aquando das atividades e criar as sinergias necessárias para a ocorrência da participação necessária ao cumprimento dos

objetivos da atividade. Utilizámos, ainda, as técnicas de produção grupal que permitiram ao grupo cumprir as múltiplas tarefas propostas, usando-as como veículo mobilizador e sistematizador dos saberes.

* Técnicas de Informação e Comunicação - recorremos a dois dos grupos: as técnicas de comunicação oral - permitiram a transmissão oral de conhecimentos fundamentais na área da educação sexual e motivar os formandos para a reflexão e para o esclarecimento de conceitos e sistematizar (in)formação acerca dos vários assuntos tratados. Usámos, ainda, as técnicas de comunicação social, através da escrita, da oralidade e de material audiovisual pela sua grande potencialidade operativa. A intervenção por via das duas técnicas permitiram mobilizar atividades cientificamente sustentadas e no que respeita à componente mais prática, recorremos à pedagogia participativa, que alia o saber, ao fazer e ao ser/estar. O projeto pretendia assumir-se como um foco incubador de formação, reflexão, desenvolvimento de competências, partilha, desconstrução para a construção de novas formas de atuar junto das crianças e jovens.

Procedimentos

Dado que o diagnóstico de necessidades é a etapa basilar de qualquer projeto, uma vez que a intervenção pressupõe um conhecimento profundo da realidade contextual e dos participantes do projeto, procurámos que a análise de necessidades que efetuamos fosse um “processo de pesquisa-ação participado ... um instrumento de informação e pesquisa, um instrumento de participação de todos os que detêm elementos de conhecimento sobre a realidade” (GUERRA, 2002, p. 129; 132). Neste sentido, elaborámos todo um processo de pesquisa bibliográfica e documental, observação participante, conversas informais e reuniões com pessoas consideradas informantes chave e ou possíveis líderes no projeto a desenvolver, procurando ouvir, analisar e discutir os seus testemunhos (ERASMIE, LIMA, 1989) para aprofundarmos o conhecimento da situação local e geral.

Realizámos, também, na instituição acolhedora a recolha de informação formal (documental) e informal. A importância da pesquisa bibliográfica e análise documental foi fundamental pelo facto de possibilitar um conhecimento mais aprofundado acerca da instituição e da temática, suporte sustentador de toda a ação. Procedeu-se, ainda, à análise da informação proveniente da intervenção de outros atores na área e na escola, principalmente resultante da ação da Coordenadora do Programa da Saúde na Escola.

A observação participante possibilitou a constatação empírica das vivências e experiências das dinâmicas e práticas conhecidas na escola, permitindo reconhecer as potencialidades e necessidades do ponto de vista informativo e formativo. Estas técnicas levaram-nos aos seguintes dados: a. escola estava aberta a novas dinâmicas de intervenção; b. os constrangimentos dos horários dos professores não permitiriam um trabalho sistemático, diversificado e efetivo nesta área; c. até ao momento da presente investigação as atividades no âmbito da educação para os afetos e educação sexual eram realizadas, sobretudo, por profissionais de saúde.

Após a obtenção destes dados procedemos a um ciclo de reuniões no sentido de viabilizar o projeto. Essas reuniões envolveram:

* Reunião com o Diretor da escola (instituição acolhedora do estágio) possibilitou perceber quais as expectativas e limitações a ter em conta no desenvolvimento do projeto. Desta reunião resultaram sinais de apreensão, recomendações para a forma de tratar a temática junto dos intervenientes, aspetos a atender numa perspetiva de autonomia para intervir.

* Reuniões realizadas com a Coordenadora do Programa da Saúde na Escola, permitiram estabelecer prioridades, definir uma estratégia eficiente, eficaz e realista.

* Reunião informal com as professoras responsáveis pelo Núcleo de Apoio Educativo e Apoio Social (NAE) permitiu perceber a pertinência de um trabalho conjunto, por um lado e das possíveis ações, por outro.

* Reunião informal com a Responsável do CFAE (Centro de Formação do Agrupamento de Escolas) viabilizou a candidatura de ações de formação para educadores e professores de todos os ciclos a candidatar ao Conselho Científico da Formação Contínua de Professores, devidamente creditadas para progressão na carreira. Desta articulação resultou a candidatura das ações pela estagiária, deferidas e creditadas no formato “curso de formação”.

* Reunião com a entidade parceira Agrupamento de Escolas, na pessoa da Diretora e responsável pela Promoção da Saúde/Educação Sexual, possibilitou articular as datas dos referidos cursos de formação.

* Reuniões com Diretores de Turma, pela via da orientadora, permitiram um retorno de informação muito importante. Enquanto elementos responsáveis pela dinamização do projeto de atividades junto dos alunos ao longo do ano, eram pessoas chave no desenvolvimento do projeto sendo-lhes solicitada colaboração para realizarem um

Brainstorming para auscultação dos interesses e necessidades dos alunos referentes à temática da educação para os afetos e educação sexual.

* Outros encontros se sucederam, com outros colegas professores de entidades potencialmente parceiras, no sentido de se auscultar a pertinência da temática na operacionalização das suas funções como educadores. Os pareceres foram muito positivos e de incentivo à mobilização das suas organizações e demais colegas para futuras ações, o que viria a acontecer em junho de 2011.

Com base nos dados obtidos na avaliação de diagnóstico realizada, concebemos e implementamos, um plano de atividades constituído por quatro cursos creditados de 25h cada um, para educadores de infância e professores do 1º, 2º e 3º ciclo, 3 oficinas de formação e 1 ação de formação para professores do ensino secundário, onde foram dinamizadas atividades com a intenção de responder à necessidade dos professores/educadores adquirirem e ou aprofundarem conhecimentos, quer ao nível concetual, quer ao nível metodológico no âmbito da educação para os afetos e educação sexual.

Os cursos resultaram da parceria com o Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE), sediado na escola acolhedora do estágio, por serem cursos creditados pelo Conselho Científico da Formação Contínua de Professores de Braga - com o registo CCPF/ACC-63865/10 - resultaram numa mais-valia pelos ganhos da formação, mas, também, pelos créditos necessários à gestão de carreira dos docentes.

Na impossibilidade de apresentar todos os cursos e oficinas de formação, optamos por apresentar, a título de exemplo, uma proposição do curso, outra de uma das oficinas, e a ação para os professores do ensino secundário, realçando que os restantes foram estruturados segundo a mesma organização mas adaptados em conteúdo e estratégias/dinâmicas/práticas ao nível de ensino lecionado pelos docentes implicados.

Curso de Formação – “*Educação Sexual em contexto escolar no 2º ciclo*” - Decorreu entre o dia 8 de novembro e o dia 2 de dezembro de 2010 e dirigiu-se a 26 professores do 2º ciclo. Os objetivos foram: a. conhecer os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar; b. atualizar os conhecimentos na área da sexualidade e educação sexual, c. desenvolver atitudes e valores face à sexualidade; adquirir competências para responder às necessidades de crianças e jovens e desenvolver atividades para formação em Educação Sexual.

Oficina de formação 1 “Educação para a saúde sexual para crianças em meio pré escolar e escolar” (4h); Escola Básica S. Os objetivos foram: a. clarificar alguns conceitos fundamentais; b. fomentar o desenvolvimento de atitudes e valores positivos face à sexualidade e c. promover uma abordagem holística à temática da sexualidade (aceitação positiva do corpo, atitude não sexista, atitude de aceitação dos outros, atitude de prevenção no domínio da saúde sexual e reprodutiva).

A ação de formação “A EDUCAÇÃO SEXUAL: desafios e realidades” (4h) Dirigiu-se a 22 professores do ensino secundário. Os objetivos foram: a. explorar os normativos legais de enquadramento da educação sexual em meio escolar, b. refletir sobre a sexualidade e educação sexual; c. compreender o papel das atitudes e valores na sexualidade; d. compreender os papéis dos intervenientes: escola, educadores e família; e e. contextualizar o desenvolvimento global: cognitivo, social e psicossocial na adolescência - o que trabalhar, a que atender na abordagem e como trabalhar atendendo ao nível secundário.

Considerações Finais

Ao dinamizarmos este projeto tínhamos como finalidade a sensibilização e informação/formação dos agentes educativos da comunidade escolar especificamente focada no desenvolvimento de competências na área da educação para os afetos e educação sexual. No sentido de aferirmos os resultados do projeto no seu todo, realizámos uma avaliação final para podermos aferir se os objetivos traçados foram ou não alcançados. Esta avaliação foi realizada mediante a aplicação de um Inquérito por Questionário aos mais diretos colaboradores e técnicos que se envolveram e participaram ativamente na organização das ações no total de seis inquiridos.

No que concerne aos pontos positivos do projeto de investigação todos os inquiridos referiram uma maior consciencialização da importância e necessidade de intervenção ao nível da Educação Sexual na formação dos alunos, outrossim, todos apontaram a pertinência do projeto para a libertação de preconceitos face à temática da sexualidade humana. Todos referiram a atualidade dos conteúdos e o facto de serem apresentados numa perspetiva biopsicossocial. Três dos inquiridos realçaram a implementação de projetos de Educação Sexual em contexto escolar partindo de uma avaliação diagnóstica como sendo um aspeto positivo e motivador para os alunos e

professores e outros três referiram a valorização da partilha de experiências. Quatro dos inquiridos mencionaram, ainda, a valorização da educação para os afetos como condição essencial à educação das crianças/jovens em meio escolar.

Quanto aos pontos que podem ser melhorados três dos seis inquiridos alertaram para a impossibilidade de apresentar os projetos realizados no âmbito das atividades. A modalidade “curso” não prevê essa possibilidade sendo, por isso, esta característica encarada com uma limitação da própria modalidade. Sem dúvida, estamos perante uma consideração importante e a ter em conta em futuras ações devendo-se, portanto, optar pela modalidade “oficina” ao invés da modalidade “curso”.

Os resultados do inquérito levam-nos a acreditar que conseguimos alcançar os objetivos que delineámos para o projeto e estamos convictos de que a principal repercussão deste se traduzirá na atitude dos professores. Todos estarão, certamente, mais atentos aos comportamentos dos alunos, mais predispostos para tentar descobrir nas suas atitudes e até nos silêncios, indícios ou evidências de necessidades que urgem abordar, responder ou resolver e, também, mais propensos e tranquilos para procurar ajuda (pedindo ou partilhando informação) junto de outros colegas e de profissionais de saúde.

Iniciar pela formação de educadores é um importante passo para que a educação sexual seja, realmente, uma realidade transversal na escola de hoje e não mais o jogo do “gato e do rato”, a desresponsabilização que ainda constatamos nesta matéria. De qualquer forma, como diz Freire (2001, p.126), “ (...) a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força ao serviço dos nossos sonhos”.

A Educação deve ser uma força transformadora – logo transformação interior nas atitudes e na visão do mundo, dos outros e de nós próprios. Se enquanto educadores conseguirmos isto, então vale a pena, mesmo que não sejam muitos, serão sempre alguns e, neste caso, até foram bastantes!

Recebido em 25 de setembro de 2013.

Aprovado em 18 de maio de 2014.

Referências

ANDER-EGG, E. *Metodología y práctica de la animación sociocultural*. Madrid: Editorial CCS, 2002.

_____. *Repensando la investigación-acción participativa*. México: Editorial El Ateneo, 1990.

BARRAGÁN, M.; DOMÍNGUEZ, B. *Niñas, niños, maestros, maestras: una propuesta de educación sexual*. Sevilla: Díada Editor, 1996.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

ERASMIE, T.; LIMA, L. *Investigação e projetos de desenvolvimento em educação*. Braga: Unidade de Educação de Adultos, Universidade do Minho, 1989.

FRADE, A. et al. *Educação sexual na escola*. Guia para professores, formadores e educadores. Lisboa: Texto Editora, 2001.

FREIRE, P. *A educação na cidade*. Brasil: Editora Cortez, 2001.

GUERRA, I. *Fundamentos e processos de uma sociologia da ação*. O planeamento em Ciências Sociais. Cascais: Editora Principia, 2002.

HARRISON, J. *Sex education in secondary Schools*. Buckingham: Open University Press, 2000.

NODIN, N. A saúde sexual e reprodutiva. Um novo enfoque sobre sexualidade. In *Atas do III Congresso nacional de psicologia da saúde nas doenças crónicas*. Lisboa: ISPA, 2000.

RANDOLPH, A.; POSNER, B. *Planeamento e gestão de projectos*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

SAMPAIO, M. *Escola e educação sexual*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

SUPLICY, M. *Sexo para adolescentes*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

VILAR, D. *Falar disso*. A educação sexual nas famílias dos adolescentes. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

Legislação

PORTUGAL. Diário da República, I Série A. Educação Sexual e Planeamento familiar. Lei n.º 3/84, de 24 de março.

PORTUGAL. Diário da República, I Série A. Educação Sexual e Planeamento familiar. Lei 60/2009 de 6 de agosto – Estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar.

PORTUGAL. Diário da República, I Série A. Educação Sexual e Planeamento familiar Portaria n.º 196-A/2010 – Define as orientações curriculares para os níveis de ensino.